

Teoria do Conhecimento I – módulo 18

Concluída a caracterização do objeto do conhecimento, usando-se como referência o algoritmo da criação que destaca a estrutura ontológica da existência, resta necessário proceder igualmente a caracterização do sujeito, para possibilitar que se possa compreender também como ocorre a relação entre eles. É disso que nos ocuparemos doravante.

O sujeito que pensa é um ser humano, um ente que também pode ser objeto para outro sujeito e que, portanto, possui a mesma compleição que atribuímos ao objeto. Aliás, ao definir o objeto, valemos-nos, como exemplo representativo, do caso particular do homem, de sorte que já conhecemos os conteúdos objetivos que entram na sua composição. O ser, a alma ou inteligência organizativa potencial, o organismo biológico, a sua temporalidade e a totalidade ou inteligência organizativa efetivamente realizada, que configura uma consciência. O sujeito que se coloca diante do objeto com o propósito de conhecê-lo é o ente humano complexo e multidimensional e não apenas a consciência tomada isoladamente. Assim, em princípio, podemos representar o confronto de sujeito e objeto, justapondo dois modelos dimensionais idênticos e estimar que a relação entre ambos envolve todas as instâncias que os constituem.

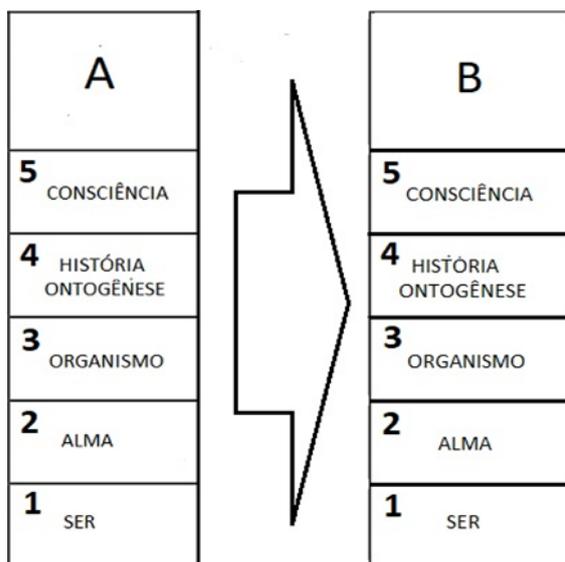


Figura TC 05: Estruturas simétricas de sujeito e objeto.

Dessa forma, em princípio, podemos considerar que o confronto entre sujeito e objeto implica a justaposição de duas estruturas simétricas, ambas configuradas pelo modelo dimensional ou pelo algoritmo da criação, em razão do suposto caráter universal do modelo. Uma das estruturas (A) representa o homem e a outra (B), o objeto que se quer conhecer. E a pergunta é: como A pode conhecer B?

Para encontrar resposta, precisamos retroceder para antes da definição dos conteúdos objetivos das instâncias dimensionais e contemplar o modelo em sua constituição primeira, meramente lógica, geométrica e matemática. Tanto as quatro instâncias dimensionais como a instância de totalidade, configurada como superfície de esfera, constituem âmbitos existenciais distintos, cada um deles dotado de uma amplitude específica e privativa. Em razão dessa amplitude privativa, cada instância possibilita um padrão de movimento típico que decorre justamente da amplitude. Com isso, quando o ser determinado emerge na existência e, em razão do seu movimento existencial, desdobra as quatro dimensões e atinge a totalidade, o seu movimento existencial manifesta-se em cada instância, segundo o padrão de movimento determinado pela amplitude local. Em decorrência, em cada uma das cinco instâncias, vigora e manifesta-se um padrão de movimento típico que determina um modo de ser ou de existir privativo da instância. Dado que, segundo o modelo dimensional, as instâncias são cumulativas, esses modos de existir também se complementam na definição do modo geral de existir

dos fenômenos manifestos. Isso significa que, na instância de totalidade, encontram-se presentes todos os cinco modos de ser ou de existir, posto que a estrutura é cumulativa.

Isso quer dizer que, quando a mente interpreta a inteligência organizativa a qual, em ato, configura a totalidade do objeto, deve gerar uma inteligência interpretativa que contemple os modos de ser de cada uma das cinco instâncias, para, assim, obter uma interpretação completa do objeto. Caso, na geração do entendimento, todos os cinco modos de ser não sejam adequadamente contemplados, a inteligência interpretativa resultante não corresponderá à realidade dos fatos ou dos objetos. Do ponto de vista da teoria metafísica do conhecimento, a tragédia humana decorre, em última instância, dessa leitura equivocada da realidade.

Mas, se a instância de totalidade do objeto contempla os modos de ser das cinco instâncias, a totalidade do sujeito, isto é, a consciência do sujeito também contempla os cinco modos de ser, uma vez que também constitui fruto do mesmo processo cumulativo. A diferença está no fato de os cinco padrões de movimento determinarem, no objeto, cinco modos de ser, enquanto que, na consciência, esses cinco padrões de movimento determinam cinco modos de inferir ou cinco modos de pensar, que são os movimentos presentes na consciência. Esse fato equipara movimento existencial e movimento inferencial, iguala movimento e lógica ou, sendo mais explícito, caracteriza a lógica como movimento. Foi com base nesse fato que traduzimos por lógica a ciência grega do movimento, que integrava as “matemáticas” de então, sendo essa mesma a razão pela qual Parmênides, muito antes de Platão, afirmava que ser e pensar eram a mesma coisa.

As consequências e as implicações dessa constatação veremos no próximo módulo.